

## REFLEXÕES ACERCA DA ARTE COMO ELEMENTO CULTURAL ESTRUTURANTE

Wellington Trotta <sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste trabalho passo em revista reflexões acerca de alguns problemas estéticos e da arte como elemento cultural estruturante. Nesse sentido, o presente texto ficou assim dividido: o tópico um, *Arte: formação, evolução e forma*, procurei articular conceitos de Estética, arte, criação artística, técnica, evolução artística, formas de arte e estilo artístico sob perspectiva crítico-analítica; no segundo tópico *A arte como fenômeno socio-histórico*, trabalhei com a concepção de que a arte é um fenômeno complexo porque, ao mesmo tempo em que se situa na esfera universal, também se dá no campo particular. Em *À guisa de considerações finais*, apenas elaborei observações reflexivas sem peroração.

**Palavras-Chave:** Estética. Filosofia. Arte. Criação Artística. Formas de Arte.

**ABSTRACT:** In this work, I review reflections about some aesthetic problems and art as a structuring cultural element. In this sense, the present text was divided as follows: topic one, *Art: formation, evolution and form*, I tried to articulate concepts of Aesthetics, art, artistic creation, technique, artistic evolution, art forms and artistic style under a critical-analytical perspective; in the second topic *Art as a socio-historical phenomenon*, I worked with the conception that art is a complex phenomenon because, while it is situated in the universal sphere, it also occurs in the private field. *In the guise of final considerations*, I only elaborated reflexive remarks without peroration.

**Keywords:** Aesthetics. Philosophy. Art. Artistic Creation. Art Forms.

### INTRODUÇÃO

Em um artigo anterior,<sup>2</sup> estudei a Estética filosófica por meio da análise dos conceitos que formam o corpo teórico dessa área da Filosofia, algumas correntes teóricas e a experiência estética, ressaltando o belo e seus critérios de valor. Agora, no presente trabalho, passo em revista algumas reflexões acerca de problemas<sup>3</sup> estéticos e da arte como elemento cultural estruturante sempre sob o fio condutor de continuidade a partir das lições do artigo anterior. Nesse sentido, o presente texto ficou assim dividido: esta pequena Introdução; o tópico um, *Arte: formação, evolução e forma*, em que procurei articular conceitos de Estética, arte, criação artística, técnica, evolução artística, formas de arte e estilo artístico, sempre sob perspectiva crítico-analítica, porque considero acertado enfatizar que a arte é um sistema de linguagens que materializa os estados emocionais não somente do artista

<sup>1</sup> Possui Doutorado em Filosofia pelo IFCS-UFRJ, Doutorado em Direito pela UNESA e Pós-Doutorado em Filosofia pelo IFCS-UFRJ. Atualmente leciona Filosofia no CEFET-MG. welltrotta@gmail.com

<sup>2</sup> <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/16638>

<sup>3</sup> A palavra problema tem sua origem no latim *problema* que, por sua vez, é uma tradução do termo *problema* - πρόβλημα do grego antigo, tendo o significado de obstáculo, o que tem diante de si, uma pergunta, uma questão, ou seja, algo a ser superado, a resolver, a transpor, ir além.

como também do público diante da obra de arte; no segundo tópico, intitulado *A arte como fenômeno socio-histórico*, trabalhei com a concepção de que a arte é um fenômeno complexo porque, ao mesmo tempo em que se situa na esfera universal, também se dá no campo particular por conta da relação entre cultura e indivíduo, sendo que a arte só é universal porque o artista produz sua obra num contexto socio-histórico pelo qual ele se deixa influenciar e no qual influencia aqueles que se deleitam com sua arte. Em *À guisa de considerações finais* apenas faço observações reflexivas sem peroração.

### **ARTE: formação, evolução e forma**

Qual seria a origem da arte? Por que o ser humano sentiu prazer ou necessidade de se expressar de forma artística? O entendimento atual do sentido ou ideia de arte terá sido o mesmo ao longo da história? Qual seria o fim da arte? O que distingue arte da religião, da filosofia e da ciência? Essas e outras perguntas têm sido pontos de partida para muitas investigações acerca do fenômeno arte. Esse fenômeno, porém, não pode ser pensado sem compreender no que consiste a arte e seu desenrolar histórico. Então, para efeito dessas novas reflexões, creio ser importante retomar conceitos com a finalidade de dar sequência lógica a esta conversa. Primeiro, destaco o conceito de Estética ao tomar emprestado as anotações de Carole Talon-Hugon do seu livro *A estética, história e arte*:

A estética é uma reflexão sobre um campo de objetos dominado pelos termos «belo», «sensível» e «arte». Cada um destes termos encerra e implica outros e estas séries cruzam-se em diversos pontos: «belo» abre-se para o conjunto das propriedades estéticas; «sensível» remete para sentir, ressentir, imaginar e também para o gosto, para as qualidades sensíveis, para as imagens, para os afetos, etc.; «arte» abre -se para a criação, imitação, génio, inspiração, valor artístico etc. (2009, p. 7-8).

Se nas anotações do artigo anterior eu tinha frisado que a Estética era o campo da reflexão do belo artístico, Talon-Hugon parece ter complicado por trazer novos elementos com a separação entre belo, sensível e arte. Entretanto, essa separação de tais elementos parece uma tentativa de compreender o fenômeno *arte* a partir do século XX para cá. Por outro lado, tais elementos não são dissociáveis devido à arte ser um fenômeno complexo, que envolve sempre o sensível, porque os valores estéticos são captados pela sensibilidade e explicados pela faculdade do conhecimento. Essa complexidade apontada por Talon-Hugon somente demonstra que a arte é objeto da reflexão, por isso forma-se a Estética como instrumental crítico-teórico. Para Nicola Abbagnano, arte é, em “*seu significado mais geral, todo conjunto de regras capazes de dirigir uma atividade humana qualquer. Era nesse*

*sentido que Platão falava da arte e, por isso, não estabeleceu distinção entre arte e ciência”* (1982, p. 77). Nesse caso, arte seria uma técnica de variadas aplicabilidades nos campos da escultura, da poesia, do discurso, da pintura, da retórica, etc. Por outro lado, foi Aristóteles quem a separou da ciência ao tirá-la da esfera do necessário e, assim, pensou a poesia como expressão que tem um discurso que pode ser de um modo ou de outro ao sabor da interpretação (*Poética*). Logo, os conceitos de arte e de técnica não mais se confundem, embora seja impossível separá-las em virtude de os procedimentos técnicos serem indispensáveis ao fazer artístico e ao julgamento da obra de arte.

Mas foi Immanuel Kant quem, no período moderno, fez uma distinção preciosa ao separar arte da *natureza* e arte da *ciência*, além de ter dissociado *arte mecânica* da *arte estética*. A *arte mecânica* seria o conhecimento referente aos meios para dar vida a um objeto, ao passo que a *arte estética* tem por objetivo o prazer. Como desdobramento, Kant ainda dividiu a *arte estética* no campo do *aprazível*, quando o prazer está associado às representações sensíveis, às sensações, e a *arte estética* quando visa à *beleza* cuja finalidade é o prazer representado como formas de conhecimento. Dessa maneira, para Kant, a *arte bela* visa um fim em si mesmo que comumente se dá por meio de um *prazer desinteressado*, isto é, prazer restrito ao campo estético e estranho a outros fins não estéticos (KANT, 1995, § 44). Contudo, não se pode pensar o fenômeno arte dissociado da técnica, porque arte também é técnica por ordenar e organizar elementos ativos que ensejam formas como arte de falar bem, arte de jogar bem futebol, arte de fabricar bela bolsa, arte política, arte médica, arte de cantar, arte de compor, etc. Destarte, técnica é um conjunto de meios que normatizam e regulam os processos criativos, conjunto de normas procedimentais que visa explorar os materiais existentes para que o artista busque os múltiplos fins da arte que são, dentre muitos, beleza, comunicação, expressividade, emotividade, criticidade, reflexividade, etc. Isso posto, a arte nasce, como dizem os historiadores, sob o impulso do registro, do mágico, do simbólico, da representação como a arte Rupestre, no interior e no exterior das rochas com fendas que serviam de abrigo para os primeiros seres humanos impelidos por captar e criar valores estéticos e, com eles, sentir, expressar e pensar o entorno. Por esses e outros fatores a arte, ao lado da religião, da filosofia e da ciência, é uma das formas de ler e representar a realidade.

A arte interpreta, registra, critica, emociona, afeta, beatifica, impacta, transforma a realidade sem inteligência ou não, diferentemente da filosofia, que cria conceitos; da ciência, que elabora conhecimentos e da religião que cria valores transcendentais. Essas maneiras de

olhar a realidade não são separáveis porque estão articuladas, necessariamente. Arquitetura, dança, escultura, música, pintura, literatura, teatro, cinema, fotografia, desenho, design, artes gráficas, etc. são formas de arte elaboradas pelos seres humanos no processo histórico em que cada época dessa jornada teve significados e usos distintos. A arte nasce, portanto, como necessidade, uma especificidade do gênio humano preocupado com todos os entornos que cercam as muitas formas de vida e demanda ser compreendidas. A arte, um deleite do prazer, também é fonte de reflexões, críticas e ações ético-políticas.

Na reflexão sobre a arte, irrompe a ideia de evolução como processo qualitativo no interior da arte que configuraria um meio pelo qual se parte do simples ao complexo, em que este seria melhor do que aquele com necessária relação de superioridade, espécie de evolucionismo que não se sustenta por um fator muito simples: o hoje busca no ontem muitos motivos de inspiração para a composição de uma música, a construção de um prédio ou a pintura de uma tela. Claro que a pintura renascentista nega a pintura medieval ao romper com abordagens figurativas próprias da Idade Média ou mesmo com os conceitos de vida, de arte, de homem, etc. Contudo, a arte renascentista recua consideravelmente no tempo e retoma muitos conceitos da arte greco-romana para erigir uma produção artística que expressou uma das mais profícuas fases da história da arte ocidental que repercute até hoje de muitas maneiras.

Vejam: a palavra *evolução* tem sua origem no termo latino *evolutio* que significava “ação de percorrer, de desenrolar”, mas por conta da transformação da palavra “evolução” no tempo passou a figurar comumente *como todo processo de desenvolvimento e aperfeiçoamento de um saber, de uma ciência*, etc. Nesse caso, na história da arte, assim como na filosofia, não existe aperfeiçoamento qualitativo de conteúdo, dos valores estéticos e muito menos da qualidade do artista enquanto tal. Na verdade, o que há é sempre aperfeiçoamento técnico para os fins da arte por parte das escolas e tendências, isso devido ao fato de que em cada época os seres humanos sofrerem as influências dos valores historicamente construídos. Do exposto, talvez se deva substituir o termo evolução pelo vocábulo transformação ou modificação da arte porque, historicamente, as sociedades mudam por mudarem também os modos de produção, as relações sociais, os conceitos e os valores que retratam cada fase da história humana. Todavia, a ideia de evolução enquanto aperfeiçoamento de técnicas e materiais para os ofícios dos artistas é cabível, pois o que está em jogo não é a inspiração, sentimentos, conceitos, valores, sensibilidade ou até a capacidade do artista, mas o conjunto de elementos técnicos que facilitam o fazer artístico.

A evolução das técnicas e a melhoria dos materiais são construção dos artistas no cotidiano dos seus ofícios.

Não se pode negar que a arte Barroca seja mais complexa do que a arte Rupestre, mas para isso é preciso frisar que complexo, nesse caso, significa, segundo o *Dicionário Caldas Aulete*, o “que abrange ou contém muitos elementos ou aspectos diversos, com diferentes formas de inter-relação, às vezes de difícil apreensão ou compreensão”, isto é, a quantidade de elementos que formam sistemas que representam muitas facetas da realidade. Logo, a arte Barroca é mais complexa do que a arte Rupestre não por ser melhor, porém por possuir mais elementos de representação e significação, o que significa dizer: um estilo pode ser mais complexo sem ser melhor porque, sendo a arte um dado da subjetividade, não se tem critérios puramente objetivos para dizer o que é melhor em relação ao pior, e vice-versa.

Na História da Arte, não há uma linha evolutiva no que diz respeito ao conteúdo que o artista apresenta por meio das formas de arte. Exemplificando: a música feita por Tom Jobim não é melhor ou superior à de Pixinguinha porque este é anterior aquele e, com isso, poderia ser considerada a música do autor de *Ingênuo* menos evoluída. Mas, independentemente da formação técnica do ouvinte e de sua posição social, a música de Pixinguinha pode ser a de que ele mais goste, haja vista que a temporalidade da arte não está no hoje e nem no ontem, mas na alma daqueles que tomam a obra de arte como algo que faça parte do tempo em que vivem. Neste momento, em que escrevo estas linhas, estou ouvindo do mestre italiano Giovanni Palestrina uma música intitulada *Missa do Papa Marcelo*, composta por volta de 1562. Portanto, uma música renascentista destinada à coroação desse papa do século XVI, distante de minha audição quatrocentos e cinquenta e nove anos, mas nem por isso menos ou mais bela que *A Retirada da Laguna*, de 1971, do maestro petropolitano Guerra Peixe.

Historicamente, o que não se pode negar é a melhoria da qualidade da acústica dos teatros, dos instrumentos musicais, das técnicas de composição, fixadores de cores, novos materiais para construção de prédios, etc., mas dizer que Peixe é melhor que Palestrina por conta dessas novas *condições materiais de composição musical* é um absurdo, porque a arte, embora produzida sob o impacto cultural de uma época historicamente determinada, ainda ecoa em nossas almas com o mesmo vigor da época de sua criação. Claro que a *Missa de Nossa Senhora da Conceição*, 1810, composta pelo carioca Nunes Garcia, segue padrão criado por Guillaume de Machaut com a primeira missa da história, de sua autoria, a *Missa de Notre Dame* de 1365, porém com motivações e estímulos próprios de cada tempo

histórico. Assim, a arte como manifestação da sensibilidade para sensibilidade de que assente, prescinde do plano intelectual. Por outro lado, os artistas também são pesquisadores de novas técnicas de criação artística e construtores de valores artísticos no processo da história da arte. Aliás, a história da arte é uma exposição de muitos conceitos que se sucedem ao longo dos tempos deixando suas características impressas nas obras dos seus artífices. Por isso, é correto afirmar que toda obra de arte representa um conceito, porque não só o artista faz parte de uma escola, como tem estilo próprio e manifesta uma linguagem.

Pintura, escultura, música, arquitetura, teatro, literatura, cinema etc., são formas de arte com conceitos que fazem com que cada uma tenha suas especificidades. Por exemplo, a música é uma forma de arte que tem sua linguagem específica; contudo, ela é subsidiária ao cinema, ao teatro, à ópera e à dança com propósitos distintos de acordo com as exigências conceituais de cada uma dessas formas de arte a que a música empresta seus préstimos. Todavia, a música em si mesma não precisa de imagens, passos, saltos, vozes, gestos humanos, coreografia, etc. para expressar modos de sentir ou imaginar realidades ou fantasias. A poesia pode servir à música, à ópera e ao cinema, mas o poeta pode, sem precisar dessas formas de arte, compor seus poemas e expressar mil significados. Na verdade, as formas de arte se comunicam porque nelas imperam o ideal de expressar ideias, ideais, sentimentos, conceitos, indignação, crítica, imagem, fantasia, etc. Nesse caso, a criação artística é um conjunto de procedimentos comunicativos que valora a criatividade e, por conta disso, a arte propriamente dita. A criatividade se constitui num processo de ordenação e configuração do que o artista capta ou assimila do seu entorno ao mesmo tempo em que o ultrapassa pelos ventos da imaginação, da fascinação, do delírio.

A criação artística é o ato pelo qual o artista expressa sua personalidade em virtude dos afetos que impactam sua consciência; nesse caso, é correto afirmar que a arte é um sistema de linguagens que materializa os estados emocionais não somente do artista, como também do público diante de uma obra de arte. Para comprovar o que digo, basta deixar-se embalar pela tela *Guernica* (1937) de Pablo Picasso para experimentar o horror que o pintor registra quanto ao bombardeio que a população de Guernica sofreu por conta dos aviões do General Franco.<sup>4</sup> Por conta disso, valho-me de Friedrich Nietzsche quando assevera que “*nada como a arte! Ela é a grande possibilitadora da vida, a grande sedutora para a vida, o grande*

---

<sup>4</sup> Em 26 de abril de 1937, aviões alemães e italianos despejaram bombas em civis em uma vila do país Basco.

*estimulante da vida... A arte como única força contrária superior, em oposição a toda vontade de negação da vida”* (2008, § 853.2). A arte é a primeira força criativa que viabiliza vida à própria vida e faz com que ela se torne potência de si mesma; mais que isso, a arte tira de si-mesma os fundamentos pelos quais expressa visões de mundo, no que enseja conceitos estéticos até transformá-los em valores, em bens estéticos. A grande característica da criação artística consiste justamente numa possibilidade de inúmeros meios que fazem com que o artista expresse seus afetos aos que desejam deles em extrair também afetos; a criação artística tem precisos meios, processos criados pelo artista ao envolver arte, idealidade e realidade entre si.

O *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* pontua que o termo *forma* advém do latim *forma,ae* que guarda a ideia de imagem, aparência, semelhança, etc. Nesse caso, forma é a *“configuração física característica dos seres e das coisas, como decorrência da estruturação das suas partes”*, por extensão e muito importante é *“a maneira como o músico, o artista plástico, o escritor etc. se expressam ou estruturam sua obra”*, e, por último, do ponto de vista filosófico, segundo o pensamento estético, é *“cada uma das leis e estruturas inerentes ao espírito humano que possibilitam o ordenamento apriorístico do material múltiplo e caótico oferecido pelas sensações, viabilizando dessa maneira a compreensão da realidade”*.

Forma no universo da arte relaciona-se às expressões artísticas por meio das quais a sensibilidade do artista se manifesta nas sensações dos indivíduos, estimuladas pelas partes que compõem a arte como música, dança, coreografia, pintura, escultura, arquitetura, teatro, literatura, cinema, fotografia, história em quadrinhos, jogos de computador, vídeo, arte digital, grafite, etc. Portanto, as formas de arte são meios de expressão artística em que o artista nos leva aos muitos estados emocionais como aventuras psíquicas no reino dos sentimentos. Por isso, é correto ponderar que *“toda a obra da arte é uma visão e uma descrição fabulosa da realidade, toda a arte substitui a vida real por uma utopia”* (HAUSER, 2003, p. 231). Por outra, não se pode confundir forma de arte com gênero artístico porquanto este designa *“ramo ou categoria particulares da arte; a paisagem, o retrato, e a natureza morta, por exemplo, são gêneros de pintura, e o ensaio e o conto são gêneros de literatura”* (CHILVERS, 2001, p. 210). Mais didaticamente, *“gênero artístico é o conjunto de convenções e estilos dentro de uma forma de arte. Por exemplo, o Cinema*

*possui uma gama de gêneros: filmes ocidentais, filmes de horror, comédia, romance*”,<sup>5</sup> assim como na música há habitual divisão entre música erudita e música popular, esta pode ser dividida em Música Popular Brasileira (MPB), chorinho, samba, etc., e aquela em sonata, sinfonia, poema, ópera, etc.

No entanto, ao estudar forma de arte e gênero artístico surge um elemento vital que faz parte desse conjunto de conceitos estéticos que é o estilo. Originalmente vindo do latim *stīlus* que era uma varinha pontuda de ferro, haste pontuda usada para inscrever, tinha como finalidade criar uma marca, fazer distinções como ornamentos em superfícies e traçar linhas num manuscrito, etc. Mais preciso, segundo o *Dicionário Houaiss*, estilo tem muitos sentidos dentre os quais destaco, para os fins desta trabalho, a saber: “*modo pelo qual um indivíduo usa os recursos da língua para expressar, verbalmente ou por escrito, pensamentos, sentimentos, ou para fazer declarações, pronunciamentos etc.*”, consistindo em uma marca ou um “*conjunto de tendências e características formais, conteudísticas, estéticas, etc. que identificam ou distinguem uma obra, um artista etc., ou determinado período ou movimento*”. Logo um estilo marca uma tradição, uma época, tendências, movimentos que se distinguem um do outro; enfim, um “*conjunto de traços que identificam determinada manifestação cultural*”.

Um estilo consiste num conjunto de traços definidores de uma escola artística em relação à outra, ou mesmo de um artista a outro dentro da mesma escola, por exemplo. Da Vinci e Michelangelo foram coetâneos da Renascença com estilos próprios em que cada um, com suas peculiaridades artísticas distintas, marca os estilos dentro das escolas, embora também com semelhanças devido a escola. As linguagens artísticas são grandes grupos de manifestações artísticas que se dividem em artes visuais, teatro, música, dança e literatura, que por sua vez se dividem em formas de artes específicas. Os conceitos do universo da Estética não são pacíficos por conta das muitas escolas teóricas compreenderem e interpretarem o fenômeno artístico a partir de situações diversas. Mas o bom desse emaranhado teórico é que o campo está aberto à pesquisa reflexiva e às novas perspectivas de compreender e interpretar o vasto universo da arte. Desse modo, a arte convida os teóricos rigorosos a entender sua infinita plasticidade.

A história da Estética compreende o debate entre os estetas sobre os conceitos que envolvem esse ramo da filosofia e suas implicações práticas sobre o mundo da arte, sem

---

<sup>5</sup> <http://kulturiart.blogspot.com/2006/01/formas-gneros-mdias-e-estilos-de-arte.html>

esquecer que tanto a Estética é posterior às inovações artísticas como também tem impacto sobre a produção artística à medida que examina os objetos que fazem parte do mundo artístico. Por outro lado, a História da Arte abarca os processos criados pelos artistas nos quotidianos dos seus ofícios, nesse caso, os historiadores mais se preocupam com o mundo das artes em si do que com as construções conceituais; a História da Estética examina os conceitos estéticos, ao passo que a História da Arte relata processos e elementos que fazem parte da criação artística. Na História da Arte não há uma linha evolutiva no que diz respeito ao conteúdo que o artista apresenta por meio das formas de arte. Repetindo: a música feita por Tom Jobim não é melhor ou superior à de Pixinguinha porque este é anterior àquele e, com isso, sua música poderia ser considerada menos evoluída. Mas, independentemente da formação técnica do ouvinte e de sua posição social, a música de Pixinguinha pode ser a de que ele mais goste. A temporalidade da arte não está no hoje e nem no ontem, mas na alma daqueles que tomam a obra de arte como algo que faça parte do tempo em que vivem. A criação artística é o ato pelo qual o artista expressa sua personalidade em virtude dos afetos que impactam sua consciência; nesse caso, a arte é um sistema de linguagens que materializa os estados emocionais não somente do artista como também do público diante do impacto de uma obra de arte.

## **A ARTE COMO FENÔMENO SOCIO-HISTÓRICO**

A arte é um fenômeno complexo porque, ao mesmo tempo em que se situa na esfera universal, também se dá no campo particular por conta da relação entre cultura e indivíduo; universal devido ao fato de o artista estar, por exemplo, vinculado a um movimento artístico que tem origem, de repente, em uma região distante e diferente daquela em que ele vive, mas que o influencia por conta dos valores estéticos defendidos por essa determinada escola; fenômeno cultural porque a influência dos valores estéticos dessa escola se expressará a partir dos elementos culturais que fazem parte do quotidiano desse artista. Assim, a arte só é universal porque o artista produz sua obra num contexto socio-histórico pelo qual ele se deixa influenciar e no qual produz influências naqueles que se deleitam com sua arte.

A arte, um elemento da cultura, talvez seja a maior força-motriz que dinamiza a própria cultura pela tensa relação entre universal e particular ser dialética. Assim, o fato de todos os humanos possuírem igualmente as mesmas estruturas psíquicas, sensitivas e cognitivas, os tornam potencialmente capazes de fazer aflorar competências, mas será a cultura o meio no

qual essas competências serão desenvolvidas ou não. Claro que nem todos serão Di Cavalcanti, mas, dependendo das ferramentas culturais, muitos indivíduos podem desenvolver seus talentos em níveis espetaculares ou não.

Mais radical, a arte é uma manifestação individual e fenômeno social enquanto criação artística numa determinada relação social e num contexto histórico, sendo também condicionada por ideias políticas, estéticas, religiosas, éticas, etc., que se conectam por meio do fazer artístico repleto de sentimentos que vigoraram numa época e que podem ser sentidos em outro contexto temporal de maneira semelhante e, ao mesmo tempo, diferente. Nesse sentido, o artista é um ser social à medida que, por meio de sua obra de arte, expressa todas as contradições do seu tempo histórico em que pululam ideias, sentimentos, etc. O artista é um ser em tensão pelos problemas e situações existentes no seu tempo e, por conta disso, registra, reflete, critica, exalta os acontecimentos a ele contemporâneos, legando ao seu público e à posteridade um conjunto de elementos que serve à reflexão estética, à investigação histórica, à pesquisa socioantropológica e a toda espécie de análise feita por aqueles que tomam a obra de arte como efeito produzido pelo artista que, também, influi na forma de pensar dos indivíduos em sua época. Para tanto, basta olhar o Cinema Novo e a Bossa Nova na década de 1960 e o impacto que tiveram nas transformações sociais do Brasil.

A obra de arte é percebida pelo público a partir de duas perspectivas: a coletiva e a individual. Coletiva quando o público percebe os valores estéticos de uma determinada música a partir das condições sociais do público. *Carinhoso* (1928) de Pixinguinha, por exemplo, é uma música melancolicamente amorosa que o público ouve e cantarola a partir das notas musicais postas pelo autor; por outro lado, cada indivíduo do público, segundo perspectivas particulares, percebe subjetivamente aquela melancolia na obra *Carinhoso*. Dessa forma, a relação entre público e indivíduo é sempre tensa e intensa. Nesse caso, a arte pode ser um ótimo meio pelo qual o professor pode capturar o espírito de uma época e dialogar, com seus estudantes, sobre os sentimentos e desejos que fazem parte do momento em análise; assim a arte é uma manifestação, é uma criação do artista que expressa o seu tempo social na medida como ele o vê, o sente e, se for o caso, o critica. Todavia, como fenômeno social, a arte também pode ser um movimento de rompimento com valores estéticos ou mesmo não de rompimento, mas de ratificação, etc. Posso, sem medo de errar, dizer que *a arte é um fenômeno social que reflete as contradições de uma determinada sociedade*. Vejamos os versos da canção *O morro não tem vez*, do maestro Tom Jobim e do

poeta Vinícius de Moraes, e perceberemos a tensão entre dificuldades e alegria advinda dessas contradições:

O morro não tem vez  
E o que ele fez já foi demais,  
Mas olhem bem vocês  
Quando derem vez ao morro  
Toda a cidade vai cantar.

O artista é filho do tempo em que está situado, e sua obra de arte pode ficar estranhamente fora do tempo e falar muito para um público de outro momento. A perenidade da obra de arte é a única que existe pelo fato de a subjetividade, sempre criativa, fornecer diversos sentidos que nem mesmo o artista pôde sentir. A obra de arte é fenômeno individual, social, histórico, econômico, enfim cultural: separar tais elementos uns dos outros enfraquece a potência da arte. Embora a arte seja uma atividade individual, um esforço de quem está no seu *ateliê* (estúdio) compondo poemas e músicas, esculpindo formas ou pintando emoções nas telas, elaborando prédios arquitetônicos, nas ruas fotografando ou filmando o que puder ser captado pela sensibilidade do clique da máquina, esse ser, o artista, é um *ser sociopolítico* porque o indivíduo só o é devido à tensão relacional com o outro, pois sem este outro o indivíduo somente existiria em si e não conheceria, por meio desse outro, a si mesmo e às peculiaridades dos muitos outros indivíduos que compõem a sociedade. O artista é essa pura tensionalidade em virtude de a arte depender dessa tensão visto que o artista, ao mesmo tempo em que sofre pressões por parte de suas múltiplas relações com o meio social, também retira dele inspiração para a materialização do seu ofício. A arte não existiria e mesmo não sobreviveria sem essa dialética tensional, haja vista muitos artistas não sobreviverem artisticamente nos períodos de calma, o que se apreende no flagrante de puras contradições.

Mas, desde Aristóteles se sabe que tanto os conhecimentos quanto às potencialidades dos indivíduos só são possíveis na esfera da sociabilidade (*Metafísica*, 993a,30ss), porque nela as trocas de saberes, experiências, vivências e expectativas são essenciais ao desenvolvimento da Cidade e dos cidadãos que nela habitam. Nesse caso, a arte tem papel significativo por mais que ela seja percebida de diferentes formas nas muitas realidades por conta de formações sociais distintas e períodos históricos ímpares. Entretanto, há algo de perene nessa diversidade que é o mundo da arte e cada tipo de sociedade engendra sentido específico de arte, assim como determinada época tem uma representação artística peculiar

que a torna distinta das demais. Na história da arte, há um fenômeno deveras significativo: edifícios, pinturas, esculturas foram concebidos e construídos sem nenhuma relação com o que denominamos hoje por arte, pois, nos momentos em que esses objetos vieram ao mundo, os motivos nem sempre levaram em conta os valores estéticos hoje consagrados pelos artistas, críticos e estetas, exemplo disso são as Pirâmides do Egito. Hoje, para nós, estas construções têm um valor inestimável por conta de suas qualidades estéticas, mas para a antiguidade egípcia o significado tinha aspectos políticos, espirituais e simbólicos, muito embora tudo tenha sido feito com finura, beleza e encanto mesmo sofrendo os impactos da época. A passagem abaixo do livro de Karl Marx, *Grundrisse* (2011, p. 91-92), apresenta um espanto que consubstancia o que eu tenho dito:

Na arte, é sabido que determinadas épocas de florescimento não guardam nenhuma relação com o desenvolvimento geral da sociedade, nem, portanto, com o da base material, que é, por assim dizer, a ossatura de sua organização. Por exemplo, os gregos comparados com os modernos [...] Consideremos, por exemplo, a relação da arte grega e, depois, a de Shakespeare, com a atualidade. Sabe-se que a mitologia grega foi não apenas o arsenal da arte grega, mas seu solo. A concepção da natureza e das relações sociais, que é a base da imaginação grega e, por isso, da [mitologia] grega, é possível com máquinas de fiar automáticas, ferrovias, locomotivas e telégrafos elétricos? Como fica Vulcano diante de *Roberts et Co.*, Júpiter diante do para-raios e Hermes diante do *Crédit Mobilier*? Toda mitologia supera, domina e plasma as forças da natureza na imaginação e pela imaginação; desaparece, por conseguinte, com o domínio efetivo daquelas forças. Em que se converte a Fama ao lado da *Printing House Square*? A arte grega pressupõe a mitologia grega, isto é, a natureza e as próprias formas sociais já elaboradas pela imaginação popular de maneira inconscientemente artística. Esse é seu material. Não uma mitologia qualquer, isto é, não qualquer elaboração artística inconsciente da natureza (incluído aqui tudo o que é objetivo, também a sociedade).

Essas observações de Marx são importantes porque atentam para o fato de que, independentemente de se seu método estar correto ou não, a poesia, escultura, arquitetura e teatro gregos estão impregnados de sua mitologia, em que há uma visão de mundo a partir do *kósmos* onde a cidade se situa. Nesse sentido, a *cosmogonia* grega está impregnada de uma *teogonia*, que é o fundamento de toda inteligência grega. Porquanto filósofos e poetas partem dela ora como crítica, ora como princípio regulador da vivência, da experiência e da criação artísticas dos gregos. Embora seja do conhecimento de todos que a arte tem um núcleo de elementos perenes comumente chamados de princípios, que oferecem a ideia de

arte e faz com que se possa distinguir arte de artesanato,<sup>6</sup> por exemplo, mesmo assim cada sociedade produz, em épocas diferentes, distintas, concepções de arte. Observemos um exemplo da MPB. Cada momento de sua história surgiu um estilo musical associado a concepções política, econômica, estética, etc. Ary Barroso, magistral musicista mineiro, compôs grandes sucessos musicais cujo estilo era o samba exaltação, próprio dos anos da Era Vargas (1930-1945) em que destacavam as qualidades do brasileiro, a miscigenação, as belezas naturais do Brasil, a magia de nossa cultura, etc. Exemplo disso são estas duas composições abaixo:

<i>Baixa do sapateiro, 1938</i>	<i>Aquarela do Brasil, 1939</i>
<p>Ai, o amô, ai, ai            Amô bobagem que a gente            Não explica, ai, ai            Prova um bocadinho, oi            Fica envenenado, oi            E pro resto da vida            É um tal de sofrê            O-la-rá, o-le-rê            Oi, Bahia, ai, ai,            Bahia que não me sai do pensamento, ai, ai,            Faço o meu lamento, oi            Na desesperança, oi            De encontra pr'esse mundo            O amô que eu perdi na Bahia</p>	<p>Brasil, meu Brasil brasileiro            Meu mulato inzoneiro            Vou cantar-te nos meus versos            O Brasil, samba que dá            Bamboleio, que faz gingar            O Brasil do meu amor            Terra de Nosso Senhor            Brasil! Brasil! Pra mim! Pra mim!            Ô, abre a cortina do passado            Tira a mãe preta do cerrado            Bota o rei congo no congado            Brasil! Brasil!</p>

Nessa mesma perspectiva de relações culturais e a arte, a arte na Renascença surge nas cidades italianas devido, dentre muitos fatores, ao grande acúmulo de riqueza derivada das atividades mercantis e financeiras dos homens de negócios, como também das guerras de conquistas promovidas pelas oligarquias dessas mesmas cidades, sem esquecer, sobretudo, do contraditório papel da Igreja, ora revolucionária na esfera das artes ao patrocinar arquitetos, pintores, escultores, ora conservadora, de outro lado, no campo teológico por exemplo. A música renascentista não tinha o mesmo sentido da música medieval; porém, encontra na Igreja os seus cultores, assim como, por exemplo, o nu nas pinturas e nas esculturas à época.

O romantismo no Brasil do século XIX tem duas especificidades: a primeira tem a influência alemã quanto à referência ao passado com José de Alencar no seu romance

<sup>6</sup> Técnica do trabalho manual não industrializado, realizado por artesão, e que escapa à produção em série; tem finalidade a um tempo utilitária, social, econômica.

indianista, literatura que aborda os temas nacionais ao mesmo tempo em que busca refletir os sentidos de nossas origens e valores; por outra, com Castro Alves, o condoreirismo,<sup>7</sup> ataca os males do presente como expurgo a um futuro promissor, vide sua poesia a serviço da abolição da escravatura. Esses aspectos são relevantes em razão de o século XIX ser decisivo na história do Brasil, que pensava construir caminhos depois da separação política com Portugal em 1822. A literatura novecentista no Brasil foi decisiva no campo da arte e como movimento político a partir das influências do romantismo francês, exemplo disso é a obra de Machado de Assis. A arte adquire contornos próprios à medida que, fazendo parte de uma cultura, é por ela determinada. Voltando aos gregos observo que a poesia para eles tem significado mágico porque, tanto *Ilíada* de Homero como *Teogonia* de Hesíodo são responsáveis por instituir, ou pelo menos organizar valores desde os religiosos ao econômicos. Um exemplo (Canto I, 1-5):

Canta, ó deusa, a cólera de Aquiles, o Pelida  
 (mortífera!, que tantas dores trouxe aos Aqueus  
 e tantas almas valentes de heróis lançou no Hades,  
 ficando seus corpos como presa para cães e aves  
 de rapina, enquanto se cumpria a vontade de Zeus),  
 desde o momento em que primeiro se desentenderam  
 o Atrida, soberano dos homens, e o divino Aquiles.

Nesses versos acima, repletos de muitos sentidos, exige dos atuais leitores um mínimo de conhecimento da cultura grega antiga para apreender o que Homero disse naqueles e daqueles tempos em que Aquiles é a representação do heroísmo e Zeus o deus maior do Olimpo. A poesia épica<sup>8</sup>, ao cantar em versos os feitos dos heróis gregos, também ensina aos jovens os valores que devem orientar os seus passos na vida política que é outro fim do cidadão que almeja discutir e participar de tudo o que diz respeito à Cidade em que vive. Por isso, é correto dizer, segundo Aristóteles na *Poética*, que a poesia tem múltiplos fins, do catártico ao educativo. Essa experiência poética grega imprimiu desde a antiguidade um ideal de narrativa em que o poeta adquire centralidade não só estética como também ética à medida que põe em discussão os valores morais da Cidade em dois planos: os válidos e os não-válidos, e aqui terei de fazer uma pausa para apresentar, em linhas gerais, a ideia de Ética.

<sup>7</sup> Quem vem do condor, voo alto. Escola brasileira de poesia, da última fase romântica (c1860-c1870), de caráter social e político e que divulgava e defendia ideias igualitárias.

<sup>8</sup> Do latim *epicus*, 'heroico, de ou relativo aos feitos dos heróis', adaptação do grego. *epikós*, que correspondia 'palavra, verso, discurso, poema', feitos memoráveis dos heróis.

Ética é um campo da filosofia que investiga os valores e os fenômenos morais e como eles regulam a vida dos indivíduos independente das leis jurídicas, pois essas, de alguma forma, são pensadas e instituídas a partir dos valores morais, considerando os efeitos e fundamentos. De outro modo, Ética também pode ser pensada como um sistema de normas, regras, preceitos e princípios valorativos que organizam a conduta de um indivíduo, grupo ou classe social; por exemplo, a ética cristã e seus preceitos. É importante ressaltar que a Ética não se confunde com a moral por ser o seu objeto de reflexão, estudo e pesquisa. Dito isto, saliento que o filósofo Emmanuel Levinas no seu livro *Totalidade e infinito*, compreende que a Ontologia não deve ser considerada a filosofia primeira e sim a Ética porque pensa o outro com o mesmo.

De maneira que a sua intenção crítica a leva para além da teoria e da ontologia: a crítica não reduz o Outro ao Mesmo como a ontologia, mas põe em questão o exercício do Mesmo. Um pôr em questão do Mesmo -- que não pode fazer-se na espontaneidade egoísta do Mesmo - e algo que se faz pelo Outro. Chama-se ética a esta impugnação da minha espontaneidade pela presença de Outrem. A estranheza de Outrem - a sua irredutibilidade a Mim, aos meus pensamentos e às minhas posses - realiza-se precisamente como um pôr em questão da minha espontaneidade, como ética. A metafísica, a transcendência, o acolhimento do Outro pelo Mesmo, de Outrem por Mim produz-se concretamente como a impugnação do Mesmo pelo Outro, isto é, como a ética que compre a essência crítica do saber. E tal como a crítica precede o dogmatismo, a metafísica precede a ontologia (1988, p. 30).

A ideia de Ética como filosofia primeira, que coloca o *eu* com o *outro* como relação necessária, acaba por determinar que a Estética também esteja impactada pelo universo ético, o que impede, por exemplo, considerar importante para a História da Arte, aceitar a estética nazista como um valor válido, haja vista ter no seu bojo teórico a destruição do outro enquanto ação ético-política pensada por uma pseudoética na desvalorização do outro. Nessa perspectiva, tomando o pensamento de Levinas, a Estética tem sua legitimidade no corte filosófico dado pela Ética, mesmo giro, mas de forma diferente, fez Hans-Georg Gadamer ao dizer que “*a estética deve subordinar-se à hermenêutica*” (1999, p. 263).<sup>9</sup>

Subordinar a Estética à Ética não significa retirar-lhe sua autonomia como área do saber filosófico com suas especificidades reflexivas e investigativas, mas pôr limites aos

---

<sup>9</sup> “A disciplina clássica, que se ocupa da arte de compreender textos, é a hermenêutica. Se nossas ponderações são corretas, o verdadeiro problema da hermenêutica terá que se colocar, no entanto, de uma maneira totalmente diferente da habitual. Terá de apontar na mesma direção em que nossa crítica à consciência estática havia deslocado o problema da estética. A hermenêutica teria, até, de ser entendida então de uma maneira tão abrangente que teria de incluir em si toda esfera da arte e seu questionamento” (GADAMER, 1999, p. 262-263).

valores estéticos em virtude dos valores fornecidos pela especulação ética, aqueles que são perenes e estão relacionados aos ideais de beleza, de harmonia, de justiça, de liberdade e de dignidade da pessoa humana. Mas estas considerações podem ser refutadas facilmente por aqueles que compreendem que a Estética, presa à Ética, não seria Estética, mas uma ética da intromissão no universo da arte, um passo à censura de expressão, dos sentimentos e da arte como reino da liberdade. Entretanto, a ideia de Levinas de que a Ética deveria ser a filosofia primeira no lugar da Ontologia, apenas remete à concepção de que o outro faz parte de mim porque sem o outro eu nunca serei o que sou visto que sou o que sou devido à existência de um outro diferente. Diante dessa perspectiva, o outro é meu igual e, dessa feita, nenhuma estética possível sairia do campo da vida em que todos a desejam abundantemente. Por isso, se a Estética for redutível à Ética, o belo, o bom, etc. seriam valores estéticos determinados pelos valores éticos. Mas essa condição adviria da educação e sem nenhuma forma de imposição às liberdades de expressão.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A arte, por essência, é uma atividade humana que, necessariamente, trava um diálogo permanente com muitos campos dos saberes, além de se relacionar com a política, diversão, ascese espiritual, educação, crítica, prazer, deleite, emoção, catarse, etc. A História da Arte acolhe as primeiras impressões ao mesmo tempo em que nos remete ao prazer da especulação como atividade do espírito que busca a transcendência de um cotidiano sufocante e desumanizador que, por sua vez, embrutece o ser humano. Nesse sentido, em cada momento histórico, a arte nos oferece não só os muitos estilos por meio da obra de arte bem como nos doa grandes mestres que fazem dela o solo rico de suas experiências estéticas que sempre têm implicações com o avesso do cotidiano escondido em seus laboratórios preenchidos pelo gênio criador e encerrados aparentemente em um mundo à parte e repleto de muitos objetos inimagináveis porque “*sempre, diante da imagem, estamos diante do tempo*” (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 15), A arte como objeto de examinação conceitual, de pesquisa histórica, de crítica dos seus valores, etc., é um fértil universo de reflexões não só das formas de arte como também dos entornos dela, porque os artistas têm múltiplos olhares sobre esses lados que os circundam, por isso tudo é objeto da arte: Deus, morte, felicidade, feio, belo, desarmonia, justiça, maldade, liberdade, etc. Nesse sentido, a história da criação artística são os processos de materialização da intuição e da criação artística. A arte,

enquanto experiência humana, desperta os estados psíquicos dos que dela tiram proveito, deleite e catarse. A história da criação artística é o desenrolar de fases experimentais e conceituais de um fazer mágico repleto de valores simbólicos, logo a arte é um complexo de sentidos, o seio do gênio humano. Por fim, não posso entender arte senão manifestação do espírito, da inteligência, da cultura e voltada à crítica e à edificação da cultura, à educação dos sentidos, à reflexão dos valores que nos tornem seres solidários e igualmente livres. Posso ser apelidado de insensível por não perceber detalhes de uma tela, de não ter uma boa percepção para organizar a sensibilidade com fim de entender o que está posto. Confesso essa má qualidade, mas ela me confere o sentido de só prestar atenção naquilo que é fruto da boa qualidade, protegendo minha saúde mental da insalubridade tóxica no cotidiano.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO**, Nicola. Dicionário de Filosofia. Tradução de Alfredo Bosi: São Paulo: Editora Mestre Jou, 1982.
- ARISTÓTELES**. Poética. Tradução de Eudoro de Sousa. Lisboa: Editora Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.
- AULETE**, Caldas. Dicionário eletrônico da língua portuguesa. <https://www.aulete.com.br/>
- CHAUÍ**, Marilena. Convite à filosofia. São Paulo: Editora Ática, 2005.
- CHILVERS**, Ian. Dicionário Oxford de arte. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2001.
- DIDI-HUBERMAN**, Georges. Diante do tempo. História da arte e anacronismo das imagens. Tradução de Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: editora da UFMG, 2015.
- GADAMER**, Hans-Georg. Verdade e método. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Vol. I. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- GOMBRICH**, Ernst. La historia del arte. Traducción: Rafael Santos Torroella. México DF: Editorial Diana, 1995.
- HAUSER**, Arnold. História social da arte e da literatura, Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2003.
- HOMERO**. Iliada. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letas, 2013.
- HOUAISS**, Antônio. Dicionário eletrônico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2016.
- HUISMAN**, Denis. A estética. Tradução de Maria Luísa São Mamede. Lisboa: Ed. 70, 1984.
- KANT**, Immanuel. Crítica da faculdade do juízo. Tradução de Valério Rohdem e Antônio Marques. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1995.
- KULTURIART**. Formas, gêneros, mídias, e estilos de arte. Disponível em <<http://kulturiart.blogspot.com/2006/01/formas-gneros-mdias-e-estilos-de-arte.html>>.
- LEVINAS**, Emmanuel. Totalidade e infinito. Tradução de José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1998.
- MARX**, Karl. Grundrisse. Tradução de Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Editora Boitempo, 2011.
- MOISÉS**, Massaud. Dicionário de temas literários. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.

**MORA**, Jose F. Dicionário de filosofia. Tradução de Maria Stela Gonçalves et. alie. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

**NIETZSCHE**, Friedrich. A vontade de poder. Tradução de Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2008.

**TALON-HUGON**, Carole. A estética, história e teorias. Tradução de António Maia da Roch. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2009.

**VÁZQUEZ**, Adolfo S. Convite à estética. Tradução de Gilson Baptista Soares. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1993.